



Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não exergo gesto ou vulto

e termina:

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra
E em nada existo como a treva fria.

Teria sido também aquele que:

Emissário de um rei desconhecido
cumpr(e) informes instruções de Além

ou o invocador do imponderável acordo de
harpa da sua original sensibilidade de simbo-
lista, pré-rafaelista, nunca extinta:

Ó tocadora de harpa se eu beijasse
Teu gesto sem beijar tuas mãos

mas não teria sido o poeta do real quotidiano,
da trivialidade metafísica, o hoje banalizado
autor que inscreveu na dobrada fria à moda
do Porto o seu gelo erótico e a sua solidão, ou
na evocação de um aniversário lisboeta o per-
fume de todas as coisas vivas que ardem no
tempo ou dessa morte no interior da vida que
chamamos esquecimento. Cesário ensinara-
lhe a tomar nas mãos a realidade quotidiana,
trivial, mas o olhar de Cesário, aureolado em-
bora com o cheiro a maresia detém-se no ân-
gulo do que avista. Pessoa buscava uma res-
posta para a questão, para o «mistério» mes-
mo da Realidade, uma leitura para o caos das
aparências. Ninguém ignora que o seu encon-
tro com Walt Whitman, o cantor das *Folhas
de Erva* lhe revelou, enfim, uma poesia para a
qual não só o mundo exterior existe, mas para
a qual esse modo de existir é o da própria
transcendência. Impossível conceber uma vi-
são das coisas e do mundo mais apostas que a
de Walt Whitman e a do Pessoa simbolista.
Toda a energia, todo o optimismo da jovem
América lincolniana se fez canto sob a pluma
de Walt Whitman. A realidade é a soma das
suas aparências, cada ser, cada existência, ca-
da forma é uma nota da imensa, caótica,
contraditória e irresistível torrente da Vida.
Como Pessoa era o predestinado poeta da
Depressão da alma europeia e, em particular,
da nossa, Walt Whitman era o poeta da Dife-
rença, da exaltação do indivíduo na sua parti-
cularidade divina. Do choque com esta visão
tumultuosa surgiu Alberto Caeiro e, em segui-
da, os seus dois sócios míticos, Campos e
Reis. Com Whitman aprendeu Pessoa a poéti-
ca da Diferença como signo do real, acrescen-
tando-lhe apenas o seu toque masoquista es-
pecífico, eco da sua nunca apagada iniciação
simbolista. É aquilo que se recorta como o
mais humilde, o mais incógnito, o menos dou-
rado pela história, pelo saber que será a seus
olhos o mais real, o mais valioso:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela
[minha aldeia.
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre
[pela minha aldeia.
Porque o Tejo não é o rio que corre pela
[minha aldeia.
O rio da minha aldeia não faz pensar
[em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

Assim a antiga alma — a única alma — de
Pessoa, o autêntico sentimento da sua vida
que foi o de a não ter como toda a gente a tem
ou imaginar ter, se infiltra na visão épica e de-
mocrática de W. Whitman para a desviar da
estrada larga do cantor americano e o recon-
duzir à pequena casa na colina de Alberto
Caeiro, aparentemente feliz por ter descoberto
to que:

O que nós vemos das coisas são as coisas
e que por isso

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar
Saber ver quando se vê
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

Prosa luminosamente suicidária

Para se curar da sua tristeza de ser cons-
ciente, Fernando Pessoa, com a ajuda de
Whitman, se sonhou Caeiro. O mundo existe,
a realidade é o que vemos, tocamos e cheira-
mos, tudo o mais são falsos pensamentos de
filósofos e filosofias doentes. Decadentes, co-
mo diria o seu mestre Nietzsche. Pareceria as-
sim que de novo o sentido da Realidade, a
alegria das coisas exteriores, a aceitação do
presente na sua diversidade e contradição infi-
nitas, punham um termo ao deprimente rei-
nado do Sonho, ao pessimismo, à tristeza, à
era da Decepção. Caeiro é a nossa reconcilia-
ção com o universo, o regresso à idade idílica
da harmonia com a Natureza que, aliás, não é
idílica. Na verdade, Caeiro é o mero Sonho
desse Sonho. Nós não podemos recuperar a
alma grega que o cristianismo corroeu sem re-
médio. Não podemos ser pagãos sem inocên-
cia. Caeiro não é uma saída verdadeira do la-
birinto do Tempo, o nada vivo em que esta-
mos, como Pessoa o visiona. É uma porta pin-
tada para nos fazer crer que tocamos com
mãos de vida e não de sombra o autêntico
real. Foi com a invenção — Caeiro que Pessoa
ascendeu à sua vida duplamente mítica e é
com os versos de Caeiro e dos seus compa-
nheiros de ficção que o mito-Pessoa se tornou
o símbolo da Modernidade se, por moderni-
dade, se entender a redenção pelo humor da
vivência do Absurdo e da Perdição da existên-
cia humana em busca de si mesma. Contudo,
Pessoa-Caeiro não quebrou o círculo simbolis-
ta da Decepção senão pagando por ele um
preço excessivo, transmutando (em ficção) a
consciência infeliz em felicidade inconsciente.

Caeiro, Campos, Reis, não são mais que
sonhos diversos, maneiras diferentes de fingir
que é possível descobrir um sentido para a
nossa existência, saber quem somos, imaginar
que conhecemos o caminho e adivinhamos o
destino que vida e história nos fabricam. Ter
sonhado esses sonhos não libertou Pessoa da
sua solidão e da sua tristeza. Mas ajudou-nos
a perceber que somos como ele, puros mutan-
tes, descolando para formas inéditas de vida,
para viagens ainda sem itinerário. Com Caei-
ro fingimos que somos eternos, com Campos
regressamos dos impossíveis sonhos imperiais
para a aventura labiríntica do quotidiano mo-
derno, com Reis encolhemos os ombros diante
do Destino, compreendemos que o Fado não é
uma canção triste mas a Tristeza feita verbo e
com Mensagem sonhamos uma pátria de so-
nho para redimir a verdadeira.

Quem sonhou todas estas ficções foi o pas-
seante da Rua dos Douradores, um homem
triste por não existir como se sonhava, irmão
gémeo por dentro de Luís da Baviera, prisio-
neiro como ele de idênticos fantasmas. En-
quanto se inventava poeta e nos sonhava mais
angustiados do que somos, mais perdidos do
que ele se sentia, mais tristes do que ele era, ia
escrevendo como quem transcreve o sonho
que o está sonhando, o livro do seu Desasso-
sego. Não há na nossa literatura prosa mais
luminosamente suicidária. Aí se despe da sua
própria ficção oferecendo-se sem resguardas
como órfão de tudo, excluído voluntário dos
outros e da vida, sonhador de todos os sonhos,
sobretudo dos improváveis. Já adivinháramos
o segredo da sua vida, a fonte turva do seu gé-
nio de ímpar claridade. Mas aí dá-nos-la a ver,
menos como quem se confessa do que como
quem agoniza. A única coroa que reivindica é
a do Sonho puro. «Eu nunca fiz senão sonhar.
Tem sido esse, e esse apenas, o sentido da
minha vida.» A obra de Pessoa é uma sinfonia
de uma só nota destinada a cobrir o outro la-
do do sonho que é para ele a Morte. Por isso,
a mais do que ninguém do que a Luís de Ba-
viera se assimilou Pessoa, como ele, rei da
nossa própria Baviera do sonho. O Livro do
Desassossego desarticula todas as ficções que
o separaram em vão do único amor que o ha-
bitou, herói de Wagner sem legenda, o da
própria Morte. É à luz, agora soberana, do
Livro do Desassossego que todo o texto — fal-
samente plural — de Fernando Pessoa deve
ser lido. Aí está o retábulo da sua vida e in-
cruenta paixão. É um retábulo simbolista
pouco conforme ao mito — Pessoa de um van-
guardismo estridente e todo exterior, mas tal-
vez esse mito não seja mais do nosso engano
que da sua verdade. Toda a sua vida foi sim-
bolista. Nem há na literatura do Ocidente
mais completa expressão do Simbolismo. O
Modernismo foi a sua e nossa ficção. Devolva-
mo-lo para terminar, à sua verdade — ficção,
à sua dolorosa realidade de amante da Morte,
de herói da impossibilidade de amar como o
seu duplo e não menos wagneriano Luís Se-
gundo Rei da Baviera:

«Teu amor pelas cousas sonhadas era o teu
desprezo pelas coisas vividas.

Rei — Virgem que desprezaste o amor,
Rei — Sombra que desdenhaste a luz,
Rei — Sonho que não quiseste a vida!

Entre o estrépito surdo de címbalos e ataba-
les, a Sombra te proclama Imperador!» ■

Dados biográficos/1 Anos da vida dele

1888

Fernando Antó-
nio Nogueira Pessoa
nasce a 13 de Ju-
nho, às 3.20 da tar-
de, no quarto andar
esquerdo do n.º 4
do Largo de São
Carlos em Lisboa.
São seus pais Maria Magdalena Pinheiro
Nogueira, natural da ilha Terceira, nos
Açores, de vinte e seis anos, e Joaquim de
Seabra Pessoa, natural de Lisboa, de trin-
ta e oito anos, funcionário público no Mi-
nistério da Justiça e crítico musical do
«Diário de Notícias». Com eles vivem a avó
paterna, Dionísia, doente mental, e duas
criadas velhas, Joana e Emília.
A 21 de Julho é baptizado na Igreja dos
Mártires. São seus padrinhos a tia Anica,
irmã da mãe, e o general Chaby.

1893

Em Janeiro nasce o seu irmão Jorge. Em
Julho, Joaquim de Seabra Pessoa morre
tuberculoso em Lisboa. A família, depois
de leiloar uma parte dos seus haveres, mu-
da-se para a Rua de São Marçal, n.º 104,
3.º.

1894

Em Janeiro morre o seu irmão Jorge.
Neste período Fernando Pessoa cria o seu
primeiro heterónimo, o Chevalier de Pas.

1895

A sua primeira poesia, a quadra *À mi-
nha querida mamã*, tem a data de 26 de
Julho.

Em Dezembro a mãe casa por procura-
ção, na Igreja de São Mamede em Lisboa,
com o comandante João Miguel Rosa, cón-
sul de Portugal em Durban, na colónia
inglesa do Natal.

1896

Em Janeiro parte com sua mãe e um tio-
avô com destino a Durban (viajam no na-
vio *Funchal* até à Madeira e depois no pa-
quete inglês *Hawarden Castle* até ao cabo
da Boa Esperança).

Em Outubro nasce a sua irmã Henri-
queta Madalena.

1897

Faz a instrução
primária na escola
de freiras irlandesas
da West Street (al-
cança a equivalên-
cia de cinco anos
lectivos em apenas três). No mesmo Insti-
tuto faz a primeira comunhão.

1898

Nasce em Outubro a sua irmã Madalena
Henriqueta.

1899

Em Abril ingressa na Durban High
School onde permanecerá durante três
anos, revelando-se um dos melhores alu-
nos do seu curso. Provável influência na
sua formação da figura carismática do di-
rector do liceu, o Headmaster W. H. Ni-
cholas, grande humanista, professor de
Latim e profundo conhecedor da literatura
inglesa.

Cria o heterónimo Alexander Search.

1900

Em Janeiro nasce o seu irmão Luís Mi-
guel.

1901

Em Junho é aprovado com distinção no
seu primeiro exame, o «Cape School Hig-



her Certificate Examination». Neste mês
morre a sua irmã Madalena Henriqueta.

Primeiras poesias em inglês.

Em Agosto parte com a família para
Portugal em viagem de férias. No mesmo
barco (o paquete alemão *König*) segue o
corpo da irmã falecida.

1902

Em Janeiro nasce, em Lisboa, o seu ir-
mão João Maria.

Em Maio visita com a mãe, o padrasto e
os irmãos, a ilha Terceira, nos Açores, on-
de vive a família materna. Escreve a poesia
Quando ela passa.

Em Junho regressam a Durban a mãe, o
padrasto, os irmãos e a criada Paciência
que viera com eles.

Em Setembro Fernando Pessoa volta so-
zinho para a África do Sul no vapor ale-
mão *Herzog*.

Matricula-se na Commercial School.

Tenta escrever romances em inglês.

1903

Frequenta o curso nocturno da Com-
mercial School; contemporaneamente, du-
rante o dia, prepara-se nas disciplinas hu-
manísticas para o exame de admissão à
Universidade.

Em Novembro faz o exame de admissão
à Universidade do Cabo da Boa Esperança
(«Matriculation Examination»). Obtém
uma classificação
relativamente bai-
xa, mas é-lhe confe-
rido, entre 899 can-
didatos, o prestigio-
so prémio «Queen
Victoria Memorial
Prize» pelo melhor
ensaio de estilo in-
glês.



1904

Ingressa novamente na Durban High
School, à testa da qual continua o Head-
master Nicholas. Frequenta a Form VI
(correspondente ao primeiro ano de um
curso universitário). Lê Shakespeare, Mil-
ton, Byron, Shelley, Keats, Tennyson e
Poe. Interessa-se por Carlyle. Aprofunda a
sua cultura clássica.

Escreve poesia e prosa em inglês. Sur-
gem os heterónimos Charles Robert Anon
e H. M. F. Lecher.

Em Agosto nasce a sua irmã Maria Cla-
ra.

Em Dezembro publica no jornal do liceu
o ensaio intitulado *Macaulay*. Faz o «In-
termediate Examination in Arts» na Uni-
versidade do Cabo, obtendo bons resulta-
dos. Com este exame terminam os estudos
na África do Sul.

1905

Em Agosto parte sozinho e definitiva-
mente para Lisboa, a bordo do vapor ale-
mão *Herzog*.

Em Lisboa fica algum tempo em casa da
tia-avó Maria Cunha, em Pedrouços, e de-
pois vai viver com a tia Anica, irmã da
mãe, e seus filhos, na Rua de São Bento,
n.º 19, 2.º Esq.º.

Continua a escrever poesia em inglês.

1906

Matricula-se no Curso Superior de Le-
tras.

Em Outubro a mãe e o padrasto voltam
a Lisboa de férias e Fernando vai viver com
eles e seus irmãos na Calçada da Estrela,
n.º 100, 1.º. Em Dezembro morre, em Lis-
boa, a sua irmã Maria Clara.

1907

Tendo a família
regressado a Dur-
ban, vai viver com a
avó Dionísia e duas
tias-avós maternas
na Rua da Bela Vis-
ta à Lapa,
n.º 17, 1.º.

Desiste do Curso
Superior de Letras.



R. — Tenho já a dizer que não gosto nada daquilo que é misterioso ou desconhecido, e nunca me debrucei sobre isso; logo, eu não era ideal para essas confidências.

No tempo da Tia Anica, era ainda ele muito novo, atravessou uma fase de curiosidade que tanto tocava a escrita automática como o hipnotismo. Ler a sina ou descobrir a personalidade através dos ossos na cabeça tinham sido experiências de pequeno. Ele lia muito sobre ocultismo e veio a traduzir, mais tarde, muitas obras nesse domínio.

P. — Imagino como foi divertido para Pessoa ser protagonista daquele episódio policial com Aleister Crowley. Comentou consigo toda aquela encenação do desaparecimento do mago, na Boca do Inferno?

R. — Contou-me que ele tinha desaparecido misteriosamente, mas o Fernando também guardava um certo segredo sobre o caso. Com o meu marido é que ele se abriu, às vezes, estavam a segredar...

P. — Na época, foi uma grande leitora de seu irmão?

R. — Li algumas publicações dispersas, mas principalmente depois da Mensagem e sobretudo depois de ele falecer.

P. — Quando descobre que o seu irmão não é só o Fernando, mas o poeta Fernando Pessoa?

R. — Isso acontece gradualmente. Lembre-se de que estivemos separados muito tempo. Regressámos da África do Sul, em 1920. Na época, sabíamos perfeitamente que tudo quanto o Fernando escrevia era belo. Bem vê, não podíamos evitar saber que aquilo que escrevia era bom.

P. — Apesar de tudo, muito e do mais representativo havia sido publicado em vida do poeta. Teve a intuição da sua genialidade, ou foi só depois de descoberto o tesouro da célebre arca?

R. — Sabíamos que era um poeta, mas, naquela altura, imaginá-lo na extensão da sua grandeza era impossível. Aliás, nunca pensámos que a sua obra chegasse a ser publicada. O Fernando andava sempre a adiar e quando lhe falávamos nisso, oferecendo até a nossa ajuda, invariavelmente dizia que estava a organizá-la. E realmente estava. Tenho, porém, a certeza de que por mais tempo que ele vivesse, acharia sempre que não era altura. Quanto à sua genialidade, fui levada a pensar nisso mais tarde e através das opiniões de outras pessoas. Por mim, nunca saberia que ele é um dos maiores poetas; todavia, acho alguns dos seus poemas geniais. Mas, mesmo que os outros não concordassem, pensaria do mesmo modo.

P. — Por algum motivo tinha Pessoa o sonho de uma tipografia...

R. — Assim, publicaria a sua obra. Era um sonho seu e durante muito tempo pensou vir a realizá-lo. Foi pena que a Ibis falhasse. Como para tudo era preciso dinheiro, e ele não o tinha, não passou de um sonho.

P. — Pensava que a sua obra fosse tão vasta?

R. — Nunca pensei, nunca, nunca. Só vim a fazer uma ideia depois da sua morte, quando começaram a mexer na arca.

P. — Consideremos o *Guardador de Rebanhos* aquele «éxtase» de 8 de Março de 1914, como Pessoa escreve a Adolfo Casais Monteiro. No entanto, já reparou que a última página do manuscrito tem a data de 1911-1912?

R. — Não sei que lhe diga... Na verdade, é estranho.

P. — Da obra de seu irmão, o que mais a toca?

R. — Gosto muito da Mensagem, é exaltante e eu sou muito patriótica; da poesia Abdição. Toca-me especialmente. Sinto que o define: ele abdicou de tudo. Também de Poesia e muitos, muitos outros poemas.

P. — Como reagiu Fernando Pessoa à atribuição do 2.º lugar à Mensagem, no concurso ao Prémio Antero de Quental?

R. — Não ligou nada. Não era pessoa para dar importância a essas coisas. Ele sabia o valor que tinha.

P. — Que diz de todas estas homenagens, destas celebrações?

R. — Acho muito bem por um lado, por outro, penso que é um bocadinho de mais. Ele merece as homenagens, mas os homens cansam-se com muita facilidade. Até tenho medo...

Ele viveu muito só

P. — Duvida que Pessoa não seja para sempre?

R. — O que é que pode ser para sempre?

P. — Para sempre como Virgílio, Dante, Shakespeare... Universal.

R. — Isso talvez sim, de agora em diante penso que sim. Em todo o caso, será sempre universal?

P. — Sabe que tratamento está a ser dado ao espólio?

R. — Acho que o melhor, em português, já foi publicado. Em inglês, há ainda muita coisa, mas em Portugal, não vale a pena.

P. — O que sente ao ver o poeta naquela solidão claustral dos Jerónimos?

R. — Dentro de mim, isso está muito, muito confuso mesmo. A ideia foi muito bela. É uma honra: colocá-lo nos Jerónimos é sinal de que é um dos grandes da nossa pátria. Mas ao mesmo tempo lamento que ele saísse do lado do pai, da companhia da família. Ficou tão só... Enfim, ele não está ali, e isso consolame.

P. — Vem-me à memória uma conversa de há muitos anos, em que a Senhora Dona Henriqueta dizia que Pessoa tinha sido muito infeliz...

R. — Oh, sim, o Fernando foi muito infeliz! Pesou-lhe a solidão a vida toda. Todos aqueles quartos... Foi uma pessoa muito só, incompreendida, embora todos gostassem muito dele. E isso faz-me pena, muita pena.

P. — Houve a Ofélia...

R. — Sabe, nós nunca soubemos do namoro. Nem minha mãe, nem eu soubemos da existência da Ofélia. Só muito depois da morte do Fernando vim a ter conhecimento de que houvera alguém na sua vida. Na época, eu via, na cómoda, umas cartas com letra de mulher, mas até julgava tratar-se de algo totalmente passado. Afinal, tudo estava a dar-se na nossa presença. A verdade é que o Fernando jamais fez qualquer referência. Penso que nunca disse nada porque sabia que era algo impossível.

P. — Porquê impossível?

R. — Ele não tinha possibilidades económicas para constituir família. Ele sabia isso. De resto, uma das grandes preocupações da mãe e de toda a família era que ele arranjasse um bom emprego para não ter dificuldades. Fartámo-nos de o aborrecer por causa disso. E como não queria ouvir a família censurá-lo, desaparecia. Chegou mesmo a viver muito mal, mas não quis nunca sujeitar-se a um horário. Queria ter liberdade para trabalhar na sua obra.

P. — E Crosse nunca ganhou um prémio...

R. — Na verdade, tinha a ideia de um dia vir a receber bom dinheiro com as charadas. Valia-lhe aceitar as coisas conforme elas vinham, nunca se mostrava revoltado. De certo modo, era um fatalista.

P. — Que pensa fazer com as cartas da Ofélia?

R. — Vou guardá-las. Verdadeiramente, a minha vontade era entregá-las à própria. Mas a minha família não é do mesmo parecer, pensa que a sobrinha faria o mesmo que fez com as do Fernando.

P. — Não lhe agradou a publicação das cartas de amor?

R. — Detestei, fiquei indignadíssima.

P. — Mas porquê, se foi um contributo para o estudo da vida do poeta? A quem de direito pertencem as cartas?

R. — Já me foi dito que elas pertencem tanto a quem são endereçadas, como a quem as escreve. Não sei. Mas, primeiro, penso que cartas destas pertencem só aos dois e a mais ninguém; segundo, meteu o Fernando a ridículo.

P. — «Mas, afinal / Só as criaturas que nunca escreveram / Cartas de amor / É que são / Ridículas.»

R. — (Risos) Não sei, considero de muito mau gosto fazer negócio à custa de um sentimento. Houve quem aceitasse muito bem a publicação, alegando até que ela veio desmistificar aquela ideia de que o Fernando poderia não gostar de mulheres e coisas assim.

P. — Há, na verdade, textos pessoais que apontam para uma certa misoginia, assim como alguns estudiosos referem uma vertente homossexual, sublimada embora. Parece-lhe ter sido o seu irmão um misógino ou, antes e sempre complexamente, alguém que se fica pela idealidade excessiva da mulher?

R. — Nunca dei por tal. Porque era enormemente tímido perante as mulheres? Com efeito, o Fernando colocava a mulher num altar, veja-se o culto pela mãe. Mas admirava as mulheres, lembro-me mesmo de algumas que ele achava muito interessantes.

P. — Há alguma pergunta que gostasse que eu lhe fizesse?

R. — ...não sei... Não. Só posso dizer isto: Agora, hoje, que tudo já passou e não pode voltar atrás, que sou muito mais velha e tenho todo o tempo para pensar e para sentir, guardo muita mágoa de não ter convivido mais com ele, de não ter conversado mais, de não ter estado mais a seu lado. Afinal, ele viveu muito só. Agora que conheço a sua obra, que a leio e tento compreendê-lo mais e melhor, sinto grande desgosto porque, embora gostássemos muito do Fernando, fizemos pouco por ele. Não lhe demos a importância que merecia. É certo que ele se ocultava atrás da sua reserva e isso pouco ajudava. Mesmo as coisas simples guardava-as para si. Mas, embora ele não se mostrasse trágico — até era um bem disposto —, a verdade é que dá tristeza pensar naquelas horas todas, tantas horas, passadas sozinho. ■

Dados biográficos/2

Lê os filósofos gregos e alemães; os decadentes franceses; e o livro «que destrói parte de toda esta influência»: *La Dégénérescence* («Entartung») de Max Nordau.

Em Agosto morre a avó Dionísia deixando-lhe uma pequena herança. Com o dinheiro recebido, vai a Portalegre a fim de comprar material para montar uma tipografia em Lisboa.

Instala, na Rua da Conceição da Glória, 38 e 40, a «Empresa Ibis — Tipográfica e Editora», que mal chega a funcionar.

Recusa a oferta de bons lugares por os mesmos incluírem obrigações de horário que lhe seriam de obstáculo à realização da sua obra literária.

1908

Em Fevereiro são assassinados o rei D. Carlos e o príncipe herdeiro.

Vai viver sozinho na Rua da Glória, n.º 4, r/c e começa a trabalhar nos escritórios de várias firmas comerciais como «correspondente estrangeiro».

Muda-se para um quarto alugado no Largo do Carmo, n.º 18, 1.º.

Numas notas autobiográficas fala da influência que sobre a sua poesia tiveram Antero, Junqueiro, Cesário Verde, António Nobre, Garrett e António Correia de Oliveira. O intelectual com o qual confronta estas experiências poéticas é o general Henrique Rosa, irmão do seu padastro, homem de cultura.

Escreve os primeiros fragmentos do *Fausto*.

1910

Escreve poesia e prosa em português, inglês e francês, com declarada influência dos simbolistas franceses e de Camilo Pessanha.

A 5 de Outubro é proclamada a República.

Em Dezembro é fundada no Porto a revista «A Águia».

1911

Accepta traduzir para português uma Antologia de Autores Universais dirigida por um editor americano e destinada a ser publicada no Brasil.

1912

Em Janeiro é fundada no Porto a Renascença Portuguesa. «A Águia», agora dirigida por Teixeira de Pascoaes, torna-se o órgão deste movimento.

Estreia literária como crítico: em Abril publica em «A Águia» o artigo A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada, ao qual faz seguir, em Maio, uma polémica conclusão: *Reincidência...* Os dois artigos suscitam uma vasta controvérsia que se exprime sobretudo no jornal «República» através de um *Inquérito Literário* organizado por Boavida Portugal.

Em Outubro Sá-Carneiro parte para Paris e matricula-se na Sorbonne. Tem início a correspondência entre os dois amigos.

Em Novembro publica, em três números seguidos de «A Águia», o ensaio A Nova Poesia Portuguesa no seu Aspecto Psicológico e muda-se para uma casa da tia Anica, na Rua de Passos Manuel.

1913

Intensa actividade criadora, crítica e de polemista, colabora no semanário «Teatro» de Boavida Portugal e em «A Águia», escreve *Epithalamium*, *Hora Absurda*, *O Marinheiro*. É também um período intenso de discussão e de tertúlia com os jovens artistas da sua geração.

1914

Colecciona e traduz para um editor inglês 300 provérbios portugueses; publica em «A Renascença» número único, *Pauls e O Sino da Minha Aldela*, sob o título único

de *Impressões do Crepúsculo*. Sá-Carneiro regressa a Portugal.

Oito de Março: «dia triunfal» da sua vida; surge Alberto Caeiro e escreve os poemas do *Guardador de Rebanhos*. Quase em resposta a Caeiro, o ortónimo escreve a seguir os seis poemas de *Chuva Oblíqua*, texto-chave do Interseccionismo. É também deste período o aparecimento de Álvaro de Campos. Entretanto Fernando Pessoa muda-se, com a tia Anica e a sua família, para a Rua Pascoal de Melo e escreve fragmentos da *Teoria da República Aristocrática*. É de Junho a primeira poesia de Ricardo Reis.

No Outono deste ano começam as reuniões na Cervejaria Jansen, à Rua Victor Cordon, do grupo de que sairá «Orpheu». Em Novembro a tia Anica parte para a Suíça com a filha e o genro. Fernando Pessoa deixa a casa da Rua Pascoal de Melo, atravessa uma profunda crise depressiva.

1915

Primeira versão de *Antinous*.

Sai em Março o primeiro número de «Orpheu», acolhido com irritação e troca pela crítica e pelo público, que traz entre outras coisas *O Marinheiro* de Pessoa, *Opiário* e *Ode Triunfal* de Campos. Os directores são Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho. Outros colaboradores: Mário de Sá-Carneiro, Alfredo Pedro Guisado, José de Almada Negreiros, Armando Cortes-Rodrigues e também Luís de Montalvor e Ronald de Carvalho.

Pessoa aluga um quarto na Rua D. Estefânia, e colabora esporadicamente no quotidiano «O Jornal» de Boavida Portugal, na rubrica *Crónica da Vida que Passa*. Em Maio publica, no panfleto clandestino de João Camoesas, «Eh Real!», o artigo *O Preconceito da Ordem*.

Sai em Junho o segundo número de «Orpheu». Os directores são Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa; o editor é António Ferro. Pessoa publica *Chuva Oblíqua* e Campos a *Ode Marítima*. Em Julho «A Capital» publica uma local de tom sarcástico contra o grupo de «Orpheu», e Campos envia ao director do jornal uma carta de resposta que termina com uma alusão irreverente ao desastre sofrido, havia pouco, pelo político Dr. Afonso Costa. Alfredo Pedro Guisado e António Ferro, indignados, abandonam «Orpheu»; Sá-Carneiro e Almada também se dissociam da atitude de Álvaro de Campos.

Sá-Carneiro volta para Paris, de onde em Setembro escreve a Pessoa anunciando-lhe que por motivos económicos o projecto de «Orpheu 3» fica anulado. Pessoa traduz para a Livraria Clássica o *Compêndio de Teosofia* de C. W. Leadbeater. Em Dezembro sua mãe, em Pretória, adoece vítima de uma apoplexia.

1916

Publica na revista «Exílio» (Abril) o poema *Hora Absurda*.

Sá-Carneiro suicida-se em Paris no Hotel de Nice (26 de Abril). O seu último bilhete ao amigo diz: «Um grande adeus, adeus do seu pobre Mário de Sá-Carneiro».

Pessoa muda frequentemente de habitação: um quarto alugado na Rua Antero de Quental, outro na Rua Almirante Barroso, outro enfim na Rua Cidade da Horta.

1917

O governo português intervém na guerra enviando um corpo expedicionário para a frente francesa. Pessoa confia aos seus escritos pessoais as suas reflexões e as suas angústias acerca do conflito mundial.

Sai em Novembro o primeiro e único número de «Portugal Futurista» que contém poemas de Fernando Pessoa ortónimo e o *Ultimatum* de Álvaro de Campos.

Com A. Ferreira Gomes e o Eng.º Geraldo Coelho de Jesus, Pessoa abre um escritório de comissões e consignações na Rua de S. Julião, 45, 2.º (depois transferido para a Rua do Ouro, 87, 2.º). Passa a viver na Rua Bernardim Ribeiro.



Santa-Rita Pintor e Pessoa

Santa Rita Pintor em defesa de Pessoa, num documento inédito que explica o estreitamento de laços verificados entre o futurista e os homens do «Orpheu».

Nuno Júdice

O período que corresponde à publicação dos dois números únicos da revista «Orpheu», compreendido entre fim de Março e fim de Julho de 1915, está recheado de acontecimentos e polémicas de que apenas uma pequena parte — e a menos interessante, de resto — se encontra acessível, em complemento à edição das cartas de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, ou integrada na «Vida e Obra de Fernando Pessoa» de João Gaspar Simões. Tendo recolhido todo esse material para publicação próxima, dele escolhi um documento inédito que me parece documentar significativamente as relações que entre si mantinham os homens do Modernismo. Trata-se de uma carta de Santa Rita Pintor, publicada no jornal «A Nação», de 25 de Abril de 1915, na sequência de um incidente conhecido e que rapidamente resumo:

Fernando Pessoa entrara no quadro de colaboradores de «O Jornal», diário dirigido por Boavida Portugal, publicando uma série de crónicas de opinião. Em 21 de Abril o assunto escolhido por Pessoa é a inauguração de uma «Associação de Classe dos Monárquicos», que ele toma como pretexto para atacar ferozmente o jornalista do órgão monárquico «A Nação» que, dias antes, ridicularizara não menos ferozmente a estética de «Orpheu 1»: «Assim, o facto de o Sr. Crispim, da Nação, nunca ter graça, não lhe deve ser levado a mal. Ele não



Santa-Rita Pintor, futurista e monárquico

a tem naturalmente. Também ninguém nasce chauffeur ou bailarino russo.»

É de crer que os monárquicos, com quem o director de «O Jornal» simpatizava, tenham protestado violentamente contra este artigo. A pressão terá sido tão forte que forçou Boavida Portugal a enviar uma carta à «Nação» comunicando o despedimento do irreverente colaborador: «Devido à falta de compreensão do que seja uma folha independente, demonstrada nas frases grosseiras do sr. Fernando Pessoa, ontem por lapso aqui publicadas, deixou este senhor de fazer parte da colaboração d'O Jornal.»

É então que surge a carta de Santa Rita, futurista e monárquico, única voz a tomar publicamente a defesa do poeta:

«Sr. Director d'A Nação

A propósito do incidente que se levantou em volta da nota, relativa ao sr. Fernando Pessoa, publicada em um jornal da manhã do dia 22, julgo conveniente declarar que, conquanto monárquico apaixonado, nenhuma hesitação tive em me solidarizar com os amigos do sr. Fernando Pessoa — entre os quais figuravam, por exemplo, os srs. Mário de Sá-Carneiro, D. Tomás de Almeida e Luiz de Montalvor, tão monárquicos como eu — na atitude que tomaram perante o director do mesmo jornal: isto apenas em vista do meu interesse pela individualidade literária do senhor Fernando Pessoa, o grande artista do *Orpheu*, de quem sou amigo particular, sabendo por isso que, sempre que tem tratado de questões políticas, o tem feito sob um ponto de vista especialmente artístico.

A razão por que me apresso a prestar estes esclarecimentos à imprensa monárquica, é para evitar que, por má-fé, se conclua da minha prontidão em me solidarizar com os amigos do senhor Fernando Pessoa, que concordo com as ideias expendidas na sua crónica, onde são aparentemente visadas pessoas da minha maior consideração.

Empenhado pela publicação desta carta, sou, com todo o respeito,

Lisboa, 24 de Abril de 1915

De V. etc.

Santa Rita Pintor»

Sem dúvida, este episódio terá estreitado os laços já existentes entre o solitário futurista e os homens do «Orpheu». Assim, o Santa Rita que Mário de Sá-Carneiro tanto critica pelas suas atitudes estéticas nas cartas que envia de Paris a Fernando Pessoa, verá o seu nome em

lugar de destaque no «Orpheu 2», que publicará quatro reproduções de quadros seus e anuncia a conferência — que não terá chegado a ser efectuada — «A Torre Eiffel e o Génio do Futurismo» por Santa Rita Pintor.

Dados biográficos/3

1918

Morre em Abril Santa-Rita Pintor e a sua obra é queimada segundo a sua última vontade.

Os três sócios, Pessoa, Ferreira Gomes e Coelho de Jesus, trespassam o escritório de representações.

Pessoa publica em duas «plaquettes» do autor (com a indicação editorial «Monteiro & Co.»), os poemas ingleses *Antinous* e 35 *Sonnets* que em Setembro são objecto da atenção da crítica britânica do «Times» e no «Glasgow Herald».

Em Outubro morre Amadeo de Souza-Cardoso, vítima da epidemia da gripe espanhola. Em Dezembro é assassinado em Lisboa Sidónio Pais. Abre-se em Portugal uma profunda crise política.

Pessoa mora na Rua Sto. António dos Capuchos.

1919

Escreve os *Poemas Inconjuntos* de Alberto Caeiro, com a data fictícia de 1913-1914, por coerência diacrónica com a biografia do heterónimo, morto em 1915.

Falece em Pretória (5 de Outubro) seu padasto, o cônsul João Miguel Rosa. Pessoa, que agora mora na Avenida Gomes Pereira, em Benfica, dedica-se à ensaística política. Publica *Como Organizar Portugal* e *A Opinião Pública* em «Acção», órgão do Núcleo de Acção Nacional.

1920

Publica na revista inglesa «The Athenaeum» o poema *Meantime*, e em «Ressurreição» o soneto *Abdicação*. Conhece no escritório «Félix, Freitas e Valladas» Ophélia Queiroz com a qual estabelece uma relação sentimental (Março).

Sua mãe e seus irmãos regressam a Portugal. Vai viver com eles numa casa da Rua Coelho da Rocha. Participa frequentemente, com o nome de A. A. Crosse, nos concursos charadísticos do «Times». Escreve uma série de epítáfios em inglês.

Em Outubro atravessa uma grande depressão psíquica e pensa internar-se numa casa de saúde. Em Novembro interrompe a relação com Ophélia.

1921

Funda a Editora «Olisipo» onde publica os seus *English Poems I e II* e *English Poems III* e *A Invenção do Dia Claro* de Almada Negreiros.

António Sérgio, Raul Proença, Aquilino Ribeiro e Jaime Cortesão fundam em Lisboa a revista «Seara Nova».

1922

Colabora com assiduidade na revista «Contemporânea», fundada por José Pacheco. No primeiro número (Maio) sai a novela *O Banqueiro Anarquista*; no terceiro (Setembro) António Botto e o *Ideal Estético em Portugal*. Este artigo provoca uma polémica resposta de Álvaro Maia no número quatro (Novembro) intitulada *Literatura de Sodoma*.

A Editora Olisipo publica a 2.ª edição das *Canções* de António Botto.

1923

A Editora Olisipo publica o folheto *Sodoma Divinizada*, assinado Henoch (Raul Leal) que é alvo do ataque morigerador da Liga dos Estudantes de Lisboa. O folheto é apreendido por ordem do governador civil e a mesma sorte cabe às *Canções* de António Botto. Álvaro de Campos publica em defesa dos amigos os opúsculos *Sobre um Manifesto de Estudantes* e *Aviso por Causa da Moral*.

Continua a sua colaboração na «Contemporânea» onde publica, entre outros textos, as *Trois Chansons Mortes* (n.º 7 e *Lisbon Revisited*, 1923 de Campos (n.º 8).

Em 17 de Julho assina o protesto de intelectuais portugueses (entre outros: Raul Brandão, António Sérgio, Aquilino Ribe-



ro, Luís de Montalvor, Jaime Cortesão) contra a proibição censória de *Mar Alto* de António Ferro.

António Botto publica *Motivos de Beleza* com uma nota de Pessoa.

1924

Falece o general Henrique Rosa.

Sai em Outubro o primeiro número da revista mensal «Athena», que Pessoa dirige com o pintor Ruy Vaz, e onde Campos publica, no número de Dezembro, os *Apontamentos para uma estética não aristotélica*.

1925

Com o número de Fevereiro, «Athena» cessa a sua publicação.

No dia 17 de Março falece em Lisboa a mãe do Poeta.

Mário Saa publica o volume *A Invasão dos Judeus*, onde Pessoa é uma das personagens analisadas pelo bizarro ensaísta.

1926

Sai em Janeiro o primeiro número da «Revista de Comércio e Contabilidade» que Pessoa dirige com seu cunhado, o coronel Francisco Caetano Dias, e onde Pessoa publica o artigo *A Essência do Comércio*.

A 28 de Maio verifica-se o golpe militar que põe fim à Primeira República e instaura a ditadura. Por coincidência neste mesmo dia o «Jornal do Comércio e das Colónias» publica uma resposta de Pessoa a um inquérito de natureza política.

Em Agosto Pessoa regista a patente de invenção de um «Anuário indicador sintético, por nomes e outras quaisquer classificações, consultável em qualquer língua».

Publica em «O Sol», n.º 1, a *Narração exacta e comovida do que é o Conto do Vigário*, e em «Contemporânea» (n.º 1, 3.ª série) o poema *O Menino de sua Mãe*.

1927

Sai em Março o primeiro número de «presença». No terceiro número da revista (Abril), José Régio reconhece em Pessoa o Mestre da nova geração.

Em Junho Pessoa inicia a sua colaboração em «presença» com o poema *Marinha*.

1928

António de Oliveira Salazar é nomeado ministro das Finanças.

Pessoa publica o panfleto *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal* e o artigo *O Provincialismo Português* («Notícias Ilustrado» de 12 de Agosto).

Com José Pacheco, Mário Saa, António Botto e outros, Pessoa funda a «Solução Editora».

1929

Organiza com António Botto uma Antologia de Poetas Portugueses Modernos. Entretanto um motivo aparentemente fútil (uma fotografia oferecida a Carlos Queiroz) reacende a amizade sentimental com Ophélia.

Sai o primeiro estudo crítico sobre a poesia de Pessoa, da autoria de João Gaspar Simões.

1930

Pessoa recebe em Lisboa a visita do famoso mago inglês Aleister Crowley, que depois desaparece em circunstâncias misteriosas na «Boca do Inferno», em Cascais. Sobre o episódio Pessoa é entrevistado no «Notícias Ilustrado» de Outubro.

Intenso período de criação heteronímica.



◀ Dados biográficos/4

1931

Publica em «presença» a tradução do *Hino a Pã* de Aleister Crowley.

Escreve uma extensa carta a João Gaspar Simões na qual teoriza as suas opiniões quanto à «ficção» em literatura, manifestando um substancial e irónico desacordo em relação às teorias freudianas.

É deste ano a efectiva interrupção da sua relação sentimental com Ophélia (e não de 1930, como deixam crer as *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*). Durante os primeiros três meses Ophélia escreve-lhe doze cartas; a última é de 29 de Março.

1932

Em Setembro concorre com insucesso a um lugar de conservador-bibliotecário no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães em Cascais.

Escreve o prefácio do livro de poemas do amigo Eliezer Kamenezky, *Alma Errante*. Em Novembro publica em «Fama», dirigida por Augusto Ferreira Gomes, o artigo *O Caso Mental Português*.



1933

Atravessa outra profunda crise psicológica, mas não desiste do trabalho literário. Intensa actividade criativa, como ortónimo, e crítica (copia o original de *Indícios de Ouro* de Sá-Carneiro a fim de ser editado na «presença» e escreve um novo estudo sobre António Botto).

1934

Prefacia o volume *O Quinto Império* de Augusto Ferreira Gomes.

Publica *Mensagem* e concorre com este volume ao prémio «Antero de Quental» do Secretariado de Propaganda Nacional. É-lhe conferido o prémio de Categoria B, por uma pretextuosa questão de número de páginas. O prémio da Categoria A (volume superior a 100 páginas) é atribuído ao sacerdote Vasco Reis pelo volume *Romaria*. O júri é composto por Alberto Osório de Castro, Mário Beirão, Acácio de Paiva e Teresa Leitão de Barros.

1935

Em Janeiro escreve uma extensa carta a Adolfo Casais Monteiro na qual explica a génese da heteronímia. Publica no «Diário de Lisboa» (4 de Fevereiro) o artigo *Associações Secretas* contra uma proposta de lei apresentada à Assembleia Nacional para a abolição das sociedades secretas e na qual é visada sobretudo a Maçonaria.

Na Primavera vem a Portugal em viagem nupcial, depois de quinze anos de ausência, o irmão Luís Miguel. Pessoa manifesta-lhe a intenção de o ir visitar a Inglaterra.

No número três de «Sudoeste», dirigida por Almada Negreiros, publica a nota *Nós, os de Orpheu*. Campos colabora no mesmo número com *Nota ao acaso*.

No dia 29 de Novembro é internado no Hospital de S. Luís dos Franceses onde lhe é diagnosticada uma cólica hepática. A sua última frase, escrita a lápis, é em inglês. Diz: «I know not what tomorrow will bring». Morre no dia 30 às 20.30, presentes o Dr. Jaimes Neves e os amigos Francisco Gouveia e Vítor da Silva Carvalho. É enterrado a 2 de Dezembro no Cemitério dos Prazeres, no jazigo de sua avó, D. Dionísia Seabra Pessoa (Rua 1, Dt.ª, n.º 4371).

(Cronologia extraída da obra de Maria José Lancastre, *Fernando Pessoa, uma fotobiografia*, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1981).



E porque não entrevistar Pessoa agora? Poucas pessoas vivas há mais vivas que Pessoa. Baptista-Bastos foi-lhe ao encontro, de caneta em riste...



Entrevista imaginária

Fernando Pessoa a Baptista-Bastos: “Sinto-me múltiplo e gosto de palavravar”

Tinha entrevisto a sua sombra fugidia. Levava entre os dedos um cigarro, na outra mão papéis (poemas?), o olhar parecia ver para lá das coisas aparentes. Cumprimentei-o. Se o não cumprimentei, devia tê-lo feito. Conhecia-o mal: só de vista ou de bebermos um copo, no mesmo Val do Rio, ele bagaço, eu um abafado, sem lhe falar nunca. Por vezes, seguia-o: num alvoroço tímido, direi agora. Na leitania, no Martinho, em frente à vitrina da Bertrand, na Clássica; outra vez no Val do Rio, e o passear à-toa, o caminhar paralelo ao Tejo que corria manso, belo e claro. Uma sombra fugidia, isso mesmo. Perdi-o de vista para sempre, num dia cinzento e mórbido: 30 de Novembro de 1935. Mais tarde, muito mais tarde, reencontrei-o vivo num longo e admirável texto de João Gaspar Simões, a quem para sempre fiquei a dever o meu conhecimento mais íntimo com o homem que bebia bagaço e que caminhava como se procurasse a sombra do próprio ser. Li-o devagar. Leio-o, ainda hoje, devagarosamente. Nunca soube muito bem o que nele procurava, o que nele pretendia de vozes remotíssimas e muito próximas. O homem chama-se Fernando Pessoa.

— Podemos falar um pouco de si?

— «Não sei quem sou, que alma tenho. Quando falo com sinceridade não sei com que sinceridade falo. Sou variamente outro do que um eu não sei se existe (se é esses outros). Sinto crenças que não tenho. Enlevam-me ânsias que repudio. A minha perpétua atenção sobre mim perpetuamente me aponta traições de alma a um carácter que talvez eu não tenha, nem ela julga que eu tenho. Sinto-me múltiplo. Sou como um quarto com inúmeros espelhos fantásticos que torcem para reflexões falsas uma única anterior realidade que não está em nenhuma e está em todas.»

— Mas, sobre ser e não ser esse e os outros, o Fernando Pessoa tem vivido num universo de palavras; não é assim?

— «Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavravar. As palavras são para mim corpos tocáveis, seres visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie — nem sequer mental ou de sonho —, transmutou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. (...) Não tenho sentimento nenhum polí-

tico ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que me não incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve com ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em quem se bata, a ortografia sem ípsilon, como um escarro directo que me enjoa independentemente de quem o cuspiu. Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida.»

— Há quem diga que você é um homem estranho, neurótico, nevrópata...

— «Reconheço que tudo isto é cómico, e que a parte mais cómica disto tudo sou eu. (...) Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas.»

— E amor?, que é para si o amor?

— «O mistério das coisas, onde está ele? / Onde está ele que não aparece / Pelo menos a mostrar-nos que é mistério? / Que sabe o rio disso e que sabe a árvore? / E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?» (...) Depois, «o amor não estuda tanto as coisas, nem trata os outros como réus que é preciso entalar.»

— Dizem: o Pessoa é um génio, o Pessoa é um mestre. Quer falar sobre?

— «Sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica, que se lhe faça, como um acto de lesa-divindade. Além, quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição. (...) Nunca me propus ser Mestre ou Chefe — Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar; Chefe, porque nem sei estelar ovos. (...) Não procuro caves nos andares nobres.»

— O nosso mundo está dividido entre dois sistemas e dois conceitos de sociedade. Vejamos, agora que Reagan e Gorbachev se encontraram em Genebra, que pensa, por exemplo, dos americanos?

— «Os americanos, que são quem mais profundamente estuda os problemas técnicos, expõem-nos, muitas vezes, humoristicamente.

Levam, até, esse género de exposição, em alguns casos, a pontos quase inconcebíveis para nós, europeus, tantas vezes solenemente incompetentes. (...) Depois, veja bem, «a sociedade é um sistema de egoísmos maleáveis, de concorrências intermitentes. Cada homem é, ao mesmo tempo, um ente individual e um ente social. Como indivíduo distingue-se de todos os outros homens; e, porque se distingue, opõe-se-lhes. Como sociável, parece-se com todos os outros homens; e, porque se parece, agrega-se-lhes. (...) Para mim, resumo: «Homens, nações, intuitos, está tudo nulo! / Falência de tudo por causa de todos! / Falência de todos por causa de tudo! / De um modo completo, de um modo total, de um modo integral: Merda!»

— Parece-me ver um grande desencanto, um grande desespero em tudo quanto disse...

— «Procuro dizer o que sinto / Sem pensar em que o sinto. / Procuro encostar as palavras à ideia / E não precisar dum corredor / Do pensamento para as palavras. / Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.»

— E que deseja você da vida?

— «Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo (...) Falhei em tudo.»

— Que pensa da morte?

— «Sou já o morto futuro. / Só um sonho me liga a mim — / O sonho atrasado e obscuro / Do que eu deverei ser — muro / Do meu deserto jardim.»

— «O poeta é um fingidor», disse você. É mesmo?

— «Foi só a vida mentida / De um futuro imaginado!»

— E, vejamos, acredita que os seus poemas vão ser lidos e amados daqui por muitos anos?

— «Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos, / Eles lá terão a sua beleza, se forem belos...»

— Terminemos. Que epitáfio desejaria para o seu túmulo?

— «Nunca fui senão uma criança que brincava.»

(Montagem de textos feita por Baptista-Bastos, que os extraiu de «Poemas de Alberto Caeiro», «Poesias de Fernando Pessoa», «Ultimatum», «Textos para Dirigentes de Empresas», «Cartas a Ophélia», «Carta a Adolfo Casais Monteiro» e «O Livro do Desassossego».)